



Aponte o celular e leia a programação completa do Brasil no Japão



Pela primeira vez sem a lenda Usain Bolt desde 2016, Olimpíada abre as cortinas para o espetáculo do atletismo. Saiba quem são os candidatos à sucessão e os brasileiros cotados a brilhar na modalidade

# Aponte o novo raio

JOÃO VÍTOR MARQUES  
ENVIADO ESPECIAL

**T**óquio — Os primeiros escritos sobre a história pré-Moderna dos Jogos Olímpicos remontam à Grécia Antiga. Por volta do século 8 a.C., a cidade de Olímpia via Corobeu, em 776 a.C., vence a primeira prova — uma corrida, conhecida à época como drômos. Ali nascia a principal disputa esportiva do planeta, que ganharia novo formato em 1896, em Atenas. Nesses dois momentos, o atletismo foi o ponto de partida para o evento que conhecemos atualmente. Ao longo dos séculos de competições, vários homens e mulheres se destacaram nas pistas. O principal deles — Usain Bolt — se despediu há cinco anos, ao ser um dos grandes nomes da Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016. Agora, o ex-velocista jamaicano passará de vez o bastão de protagonista da modalidade.

Em Tóquio, vários nomes surgem como potenciais estrelas do atletismo — nenhum deles, é claro, com o mesmo vigor físico e o carisma do “raio, octacampeão olímpico (três vezes nos 100m, três nos 200m e duas no 4x100m).

O atletismo estreia na edição atual dos Jogos hoje, às 21h, com preliminares das provas mais curtas. Serão 10 dias consecutivos com finais diárias no Estádio Olímpico de Tóquio até 8 de agosto, data da Cerimônia de Encerramento.

Entre os velocistas, a principal estrela é uma compatriota de Bolt e velha conhecida dos amantes de esporte: Shelly-Ann Fraser, bicampeã olímpica e tetracampeã do mundo nos 100m rasos.

A jamaicana de 34 anos tem seis medalhas em Jogos Olímpicos e chega a Tóquio em grande fase. Apesar da idade considerada alta, ela fez, um mês antes da Olimpíada, o melhor tempo das últimas três décadas na prova. Shelly também vai disputar os 200m e o revezamento 4x100m com a equipe da Jamaica.

O sueco Armand Duplantis, de 21 anos, é o recordista mundial do salto com vara e favorito incontestável ao ouro olímpico. O jovem iniciou a trajetória na modalidade aos quatro anos e foi empilhando



medalhas e conquistas expressivas. Fenômeno da modalidade, vem de uma família de esportistas: o pai é saltador como ele, enquanto a mãe é uma heptatleta.

“Desde os meus três, quatro anos de idade, que eu sonhava me tornar recordista mundial. Sonhava com muitas medalhas de ouro também. Sempre sonhei alto, pois vivo em um ambiente competitivo desde pequeno”, afirmou Mondo em entrevista ao site da World Athletics. Em Tóquio, terá a oportunidade de ser campeão numa Olimpíada pela primeira vez.

A venezuelana Yulimar Rojas é outra candidata a estrela nos Jogos

de Tóquio. Aos 25 anos, ela vive o auge da carreira no salto triplo, mas chegou a aproveitar a estatura (1,92m) para ser jogadora de vôlei. Trocou de modalidade e, agora, faz história. É tetracampeã mundial no atletismo e foi prata no Rio de Janeiro. No Japão, é favorita a subir ao lugar mais alto do pódio.

“Todas as minhas conquistas são para a Venezuela. Tem sido difícil, mas não impossível. Se eu tivesse focado nas minhas dificuldades, não teria sido campeã do mundo. Eu quero que as pessoas saibam que nós podemos alcançar tudo o que queremos”, disse, em 2020, ao *El Diarrio*.

As provas com obstáculos têm a queniana Beatrice Chepkoech (recordista e campeã mundial dos 3.000m) e a norueguesa Karsten Warholm (duas vezes vencedora do Mundial nos 400m) como principais atletas.

Outros nomes importantes são o também queniano Eliud Kipchoge (campeão olímpico e primeiro atleta da história a correr a maratona em menos de duas horas), a britânica Katarina Johnson-Thompson (heptatlo), o ugandês Joshua Cheptegei (quebrou recordes dos 5.000m e dos 10.000m mesmo durante a pandemia) e a holandesa Sifan

Hassan (favorita ao ouro nos 1.500m e 10.000m rasos).

## Alison Santos

O Time Brasil está em Tóquio com 53 competidores no atletismo (20 mulheres e 33 homens). O grande nome do atletismo brasileiro atualmente é Alison Santos. Poucos dias antes do início dos Jogos Olímpicos, ele quebrou o recorde sul-americano dos 400m com barreiras pela quinta vez no ano, com 47s34. O resultado fez com que ele chegasse à terceira posição do ranking mundial.

O revezamento 4x100m masculino também pode brilhar em Tóquio. Em 2019, o quarteto brasileiro ficou na quarta posição do Mundial e bateu o recorde sul-americano. Paulo André e Felipe Bardi lideraram a equipe e chegam após terem feito suas melhores marcas individuais nos 100m rasos.

Erica Sena é a principal candidata entre as mulheres. Ela foi a quarta colocada no Mundial da marcha atlética, em 2019, e tem chances de chegar. Núbia Soares, Almir Cunha (salto triplo) e o atual campeão olímpico Thiago Braz (salto com vara) podem surpreender.

## Bastidores da luta que nos indignou

**T**óquio — O templo sagrado do judô japonês se propõe a ser uma perfeita simbiose das tradições seculares da modalidade e do avanço tecnológico pela justiça desportiva. No Nippon Budokan, o soar do gongo — substituído por um botão na mesa do DJ — desencadeou duas reações dos perdedores que se repetiram ao longo das finais de ontem. Primeiro, o apelo ao VAR como forma de postergar ou evitar uma derrota. Em seguida, o choro instantâneo de quem deixou escorrer pelas mãos o sonho de ser campeão olímpico em Tóquio. Foi o que aconteceu com Maria Portela.

A gaúcha de 33 anos chegou ao pódio na categoria até 70kg, mas, aos prantos, se despediu do lendário tatame nipônico na segunda luta. Na estreia, passou sem dificuldades por Nigara Shaheen, afegã radicada na Rússia que competiu pelo time de refugiados. As oitavas de final reserva-

vam uma adversária de alto nível: a russa Madina Taimazova.

A luta foi tensa desde o início e subiu de temperatura com o início do golden score após o empate no tempo regulamentar. Durante a morte súbita, Portela conseguiu derrubar Madina, mas o árbitro Everardo Garcia não assinalou o wazari, decisão polêmica muito questionada por nomes históricos do judô brasileiro.

Quando o confronto se aproximava do 15º minuto — duração recorde até então nos Jogos Olímpicos de Tóquio —, a brasileira foi considerada perdedora por falta de combatividade.

Foi o sinal para que as lágrimas começassem a escorrer. “Eu estou muito triste por não ter conseguido seguir na competição, mas agradeço a Deus por ter chegado até aqui e a todos aqueles que tiveram comigo nessa preparação para os Jogos Olímpicos para que eu chegasse aqui da melhor forma possível”, lamen-

Gaspar Nóbrega/COB



tou a judoca brasileira em entrevista pouco após o combate.

A emoção de Maria Portela comoveu torcedores e ex-judocas. “Uma vida dedicada ao sonho olímpico, e o árbitro após 10 minutos de Golden score definir a luta dessa forma. Deixa os atletas decidirem. Sem contar o wazari que foi nítido antes. Força, Maria Portela, você é nossa vencedora”, declarou o brasiliense

Luciano Correa, campeão mundial de judô em 2007.

Por mais polêmica que seja a decisão da arbitragem no judô, não é possível contestá-la. À reportagem, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a Confederação Brasileira de Judô (CBJ) confirmaram a impossibilidade de pedido de revisão. “Foi uma decisão bem polêmica, mas pessoalmente penso que poderia

ter marcado (o wazari que daria a vitória a Portela)”, comentou o chefe nacional da modalidade em Tóquio, Ney Wilson, em contato com o *Correio*.

Em entrevista após a dura derrota, a gaúcha de 33 anos assumiu a responsabilidade e preferiu não culpar a arbitragem. “O árbitro, se a gente não define, ele tem que definir. E quem tiver um pouco mais de iniciativa,

## Maria Portela levou brasileiros às redes sociais para protestar contra wazari ignorado pelo VAR do judô

vai levar. Não foi culpa dele. Eu tinha que ter sido mais agressiva, imposto mais o ritmo, por mais que não fosse efetiva, que foi o que ela fez e acabou levando”, disse.

Portela começou a chorar assim que a oponente foi declarada vencedora da luta. Depois de deixar o tatame, enxugou as lágrimas e já mirou a disputa por equipes. “Agora quero ajudar a equipe para chegar no pódio. Sei que meu ponto é muito importante e o foco é esse, contribuir para que possamos evoluir na competição porque somos um time muito forte”, completou.

Enquanto isso, Madina Taimazova, algoz dela, e a japonesa Chizuru Arai travaram uma luta mais longa do judô nesta edição: 17 minutos. Madina estava combalida, mas não desistiu. Perdeu devido à interferência do VAR, não foi à final, mas insitiu. Em outro golden score, derrotou a croata Barbara Matic e encerrou a participação com bronze. (JVM)